

# SUSAN LEWIS

*Depois da Luz*

Tradução de Vera Falcão Martins

## Capítulo Primeiro

– Escolher o homem errado é um pouco como ganhar a lotaria e, depois, descobrir que perdemos o bilhete. As esperanças, os sonhos, a ida às nuvens, são os mesmos. Depois, percebemos a verdade e a desilusão é mais do que esmagadora. Por perdermos o bilhete, apetece-nos dar um tiro a nós próprias. No caso dele, apetece-nos dar um tiro a ele.

Susannah falava assim sozinha muitas vezes, quando estava enervada. Começara antes mesmo de a luz brilhante do seu marido ter entrado em curto-circuito de forma magnífica e sido levada para a prisão, mas, agora, tornara-se mais frequente, principalmente por não ter muitas pessoas com quem falar. «Escolher o homem errado é como perder as oportunidades de ouro que a vida nos dá» ou «Escolher o homem errado é uma falha que só cometemos uma vez – ou, pelo menos, assim gostamos de pensar.» Não voltaria, porém, a passar pelo mesmo. Tinha tanta certeza disso como de que ia no autocarro número 44, rodeada de pessoas que, decerto, também já haviam atravessado uma maré de azar. Mas não estava interessada nessas pessoas, tal como elas não estavam interessadas nela.

Na verdade, até agora, o dia estava a correr bem. Não que tivesse acontecido algo de terrivelmente emocionante ou mesmo ligeiramente promissor, mas não havia problema, pois também nada correra muito mal. No entanto, ainda só eram quatro da tarde e o correio não chegara quando ela saía de manhã.

Como, agora, mal passava uma semana sem que surgisse um novo problema ou contratempo, ou lhe chegasse à porta uma conta impossível de pagar, como se de uma sinistra pedra que marca o caminho para a catástrofe total se tratasse, ela raramente tentava a sorte ao pensar que já estava safa.

Não seria óptimo poder simplesmente desistir e dizer à vida que estava farta, que queria abandonar o jogo? Receber má carta atrás de má carta talvez fosse divertido para o grande responsável pela banca lá do Céu, que acumulava o seu ânimo como se fossem fichas de valor elevado, mas, para ela, era como se tivesse esgotado o seu crédito e, agora, estivesse à beira do

precipício com uns sapatos com salto de 15 centímetros. Quando se olhava ao espelho, via a energia a escorrer como se alguém tivesse aberto a tampa do ralo. Podia, ser um daqueles filmes acelerados com flores a germinar, desabrochar e depois, murchar e morrer. A vida passava-lhe diante dos olhos. Ainda só tinha 36 anos, mas sentia-se mais perto dos 50 e, provavelmente, até o aparentava, o que, por si só, já era uma desgraça, já que o pouco sucesso que tivera em tempos devia-se, pelo menos em parte, à sua aparência.

Os seus olhos amendoados, agora cansados, mas outrora sublimes, eram conhecidos pelo seu intenso brilho verde-azulado, graças a uma série de anúncios publicitários a maquilhagem em que haviam figurado. E o sorriso deslumbrantemente branco, de lábios carnudos, valera-lhe, durante algum tempo, uma certa fama por ter aparecido numa publicidade a uma marca de pasta de dentes. A silhueta também conseguira os seus quinze minutos de fama, ao apresentar fatos-de-banho e solários numa feira profissional em Brighton. Não foi propriamente o ponto alto da sua carreira – na verdade, transformara-se num dos mais baixos, quando os patrões da semana e alguns dos seus clientes presumiram que podiam tocar-lhe tão à vontade como à mercadoria. Não fora para isto que passara três anos na Academia de Arte Dramática Webber Douglas após ter concluído o ensino secundário, em vez de ir para a universidade, mas depressa ficara a saber que o trabalho promocional era bem remunerado – quando arranjava algum – e era algo que muitas actrizes em início de carreira faziam até serem descobertas.

Nessa altura, fora, de facto, descoberta, pois, um dia, como o proverbial cavaleiro andante, Duncan Cates entrara na sua vida e levava-a em direcção ao horizonte, para o mundo dos seus maiores sonhos. Enquanto jovem encenador em ascensão, repleto de encanto e ambição e a transbordar de talento, ele já provara os sabores inebriantes do sucesso com o triunfo de uma peça inédita no West End. Quando o seu caminho se cruzou com o de Susannah, estava a escolher o elenco de uma nova produção intitulada *Louras*, para a qual ela estava perfeitamente habilitada, com a sua longa cabeleira platinada. No entanto, a protagonista tinha também de possuir o fascínio sensual e a capacidade de representação de Brigitte Bardot na juventude. Quando Susannah terminara a audição, Duncan declarara o fim da sua busca e o seu próprio enamoramento.

Quando *Louras* estreou, em Bath, não foi propriamente recebida como o autor esperava, visto que as críticas à peça foram mistas e, na sua maioria,

más, mas teciam rasgados elogios ao encenador, cuja encenação invulgar e uso da música «levaram a peça além das falhas do argumento». Quanto a Susannah, os críticos desfizeram-se em louvores, referindo-se efusivamente à sua comovente interpretação e à beleza cativante, mas delicada, «que parecia ter uma força só sua».

Após a tensão da expectativa, o êxtase de Duncan ultrapassara todos os limites da sobriedade. Estava tão inebriado com o sucesso, o amor e a cocaína que insistira para que ele e Susannah festejassem, casando nessa mesma semana. No que lhe dizia respeito, eram Roger e Brigitte, Greta e Mauritz, Spencer e Katharine – qualquer grande história de amor ou mentor do teatro ou do cinema servia. Iam a caminho do topo e já nada podia detê-los.

No ano seguinte, a passagem do sucesso instantâneo ao estatuto de profissionais mais requisitados do mercado não correu como Duncan esperava. Na verdade, pareceu sofrer um desvio imprevisto para o lado do êxito isolado, o que o escandalizava tanto que, nos momentos de maior perplexidade, culpava Susannah. Nos períodos de maior lucidez (quando estava sob o efeito da cocaína e cheio de entusiasmo), o gosto pela vida e a confiança em ambos continuavam eletrizantes como sempre. No entanto, a crescente dependência não tardou a causar-lhe enormes estragos na carreira, nas finanças e na aparência, mas, acima de tudo, no humor. Se não conseguisse arranjar uma dose, ficava piegas, ressabiado e, com o passar do tempo, até irritado e violento. Embora raramente batesse em Susannah, quando as coisas se complicavam mesmo, fazia-o e ela ouvia-o muitas vezes a ameaçar pessoas pelo telefone. Certa noite, chegou a casa com o rosto ensanguentado e costelas partidas e recusou-se a contar o que acontecera. Também pouco importava, pois, nessa altura, já era bem claro que o vício se tornara uma dependência total, pelo que era de duvidar que ele sequer se recordasse do ataque, quanto mais do autor. Já não era capaz de manter nenhum emprego, muito menos um que exigisse o seu talento criativo. Quanto a ela, embora ainda conseguisse encaixar audições num horário preenchido de empregada de mesa, operadora de *telemarketing* e arrumadora de prateleiras, tudo para pagar as contas ao fim mês, não lhe apareciam papéis espectaculares ou bem remunerados.

Então, de repente, a estrelinha de Susannah voltou a brilhar. Foi no seu vigésimo terceiro aniversário que a agente lhe ligou a dizer que Michael Grafton, um dos principais produtores de televisão do país, queria falar com ela a propósito de um papel numa nova e importante série dramática.

– Não é o papel principal – explicou-lhe Dorothy –, mas, ao que parece, é uma personagem fundamental e pagam muito bem, por isso, vai lá e deixa o homem arrebatado. Pode ser um momento decisivo para ti, querida, e Deus sabe que bem precisas.

Susannah entregou-se de corpo e alma à audição, querendo o papel mais do que alguma vez quisera alguma coisa na vida. Para sua alegria, mesmo nos breves dez minutos em que pôde demonstrar a sua compreensão do papel e como o interpretaria, sentiu que Michael Grafton estava impressionado. E, afinal, tinha razão, pois ele escolheu-a. Mas, quando a decisão foi tomada, ela já não estava em condições de aceitar o papel. Estava grávida de quase quatro meses, o que significava que daria à luz por volta da mesma altura para que estava previsto o início da fotografia principal.

Assim, com uma triste e inexorável inevitabilidade, os seus sonhos e os de Duncan de fama internacional, grandes mansões e carros vistosos realizaram-se sob a forma de desemprego, títulos de transportes públicos e uma casa de primeiro andar com cinco assoalhadas em Battersea. A luta parecia interminável. Os meses transformaram-se em anos e a situação só piorava. A única verdadeira alegria da vida dela era a filha, Neve, que adorava e estava decidida a não deixar ser deitada abaixo pela dependência do pai. Em seu abono, até Duncan apoiou a ideia de mandar a filha para um colégio particular aos sete anos e, durante algum tempo, até conseguiu ajudar a pagá-lo. Contudo, as coisas não tardaram a desandar de novo e, após os períodos de euforia, começou a ficar deprimido de modo tão dilacerante e assustador que Susannah tinha, frequentemente, de levar Neve para casa da tia Lola, por recear o que ele pudesse fazer-lhes. As ameaças de homicídio e suicídio tornaram-se uma constante e parecia que ele não se detinha perante nada para sustentar o vício. Certa noite, até encostou uma faca ao pescoço de Susannah para tentar tirar-lhe o dinheiro das propinas do colégio de Neve. Foi então que Susannah fez as malas pela última vez e levou Neve, agora com quase dez anos, para morar com Patsy, a sua melhor amiga e madrinha de Neve.

Seis meses depois, Duncan foi detido e acusado de envolvimento no fornecimento de anfetaminas duvidosas a um rapaz de 15 anos que tivera uma *overdose* e quase morrera. Felizmente, o rapaz sobrevivera sem sofrer lesões cerebrais, mas era por este crime que, agora, estavam todos a pagar: Duncan na sua cela, onde passara os últimos três anos, faltando ainda sete, se cumprisse a pena na íntegra; Susannah, que já voltara para a pequena casa

geminada com Neve, lutando para controlar o orçamento e começando a falhar; e Neve, que quase nunca falava no pai. Até fingia não se importar que ele não escrevesse ou gastasse um dos seus preciosos telefonemas para saber como estava a família.

Agora, ao sair do autocarro para o meio de um amontoado de viajantes impacientes, todos à espera para embarcar, Susannah tentava esquecer o medo das dívidas crescentes que ameaçava esmagá-la. Em breve, aconteceria algo de bom, não parava de dizer a si mesma; seriam bafejadas por algum milagre ou golpe de sorte inesperado, pois tinha de ser. No entanto, era melhor esperar sentada.

Estava o tempo típico de Fevereiro, enquanto ela se apressava pela Battersea Bridge Road em direção a casa: chovia e estava frio, havia pequenos montes de neve meio derretida a entupir as sarjetas, após o violento nevão do fim-de-semana. Durante algumas preciosas horas, no domingo à tarde, quando o vento amainara e a paisagem ainda parecia um postal imaculado, ela e Neve haviam-se aventurado até ao Battersea Park, para fazerem um boneco e anjos na neve. Para grande satisfação de Neve, tinham acabado por entrar numa barulhenta luta de bolas de neve com alguns dos vizinhos, mas, quando terminou e os outros foram para o aconchego do café comer tostas e beber canecas fumegantes de chocolate quente, Neve e Susannah sentaram-se num banco, a tremer de frio, enquanto bebiam cacau do termo que haviam levado.

Depois de passar pelo mercado da terra para comprar leite e maçãs, Susannah seguiu pela rua principal, passando pelo lúgubre e cinzento bairro social onde ela e Patsy tinham crescido, num dos arranha-céus, e onde a sua velha e adorada tia Lola, que a criara, ainda morava – agora, num dos apartamentos novos e mais baixos. Dava voltas e mais voltas à cabeça, procurando lembrar-se da variada lista de afazeres que tinha de cumprir antes de voltar a sair de casa, às seis da tarde.

Detestava ter de trabalhar à noite, mas, sem o emprego no clube, nunca seria capaz de pagar as propinas do colégio de Neve, mesmo com a bolsa de estudo que lhes fora concedida recentemente. E, depois da enorme incerteza e agitação que Neve vivera nos piores momentos com Duncan, se havia coisa de que ela não precisava era de mais mudanças na sua vida. Merecia a estabilidade do colégio que conhecia há tanto tempo, tanto quanto precisava dos amigos. Por isso, Susannah estava disposta a trabalhar em qualquer horário e em todo o tipo de empregos, para tornar o mundo de Neve o mais

seguro e estável possível e lhe dar, pelo menos, alguns dos luxos e privilégios de que as outras meninas da sua idade gozavam. Não era que Susannah tivesse desistido do sonho de representar, mas, desde que Neve nascera, só fora escolhida para meia dúzia de anúncios publicitários de baixo orçamento, tirando um papel secundário que conseguira numa telenovela da tarde, há alguns anos. Acabara mal chegara ao ecrã, mas, pelo menos, o dinheiro ajudara-as a superar a crise da altura, até passarem à seguinte.

Agora, quase nunca tinha notícias da agente e, mesmo que tivesse, trabalhar tanto implicava quase não ter tempo, ou mesmo energia, para audições, quanto mais para aceitar um papel. Nos momentos em que estava mais deprimida, quando se permitia pensar na carreira que podia ter tido se não tivesse corrido tudo tão mal, o sofrimento era tão profundo como se alguém tivesse morrido. E, de certo modo, assim era, pois ela já não era a jovem vibrante e descontraída que, em tempos, fora repleta de optimismo e *joie de vivre*, mas outra pessoa, que estava a perder, rapidamente a luta para se manter à tona.

Ao ouvir o telemóvel tocar algures no fundo da mala, começou à procura dele, enquanto dobrava a esquina da fila de casas onde morava, que fazia uma curva e ia dar a um labirinto de filas semelhantes, onde as habitações eram tão juntinhas como dentes e tão uniformes no seu estilo vitoriano como diversificadas nas suas cores e decoração. Apesar de a delas estar mesmo a precisar de uma demão de tinta, era acolhedora e aconchegante no interior e, embora não tivesse sido esplendidamente modernizada como algumas da rua, também não estava horrivelmente degradada como outras. De qualquer maneira, era o seu lar e só isso interessava a Susannah: ter um tecto por cima da cabeça que, actualmente, não deixava entrar água, nem dava sinais de estar prestes a ruir. Além disso, ela adorava aquela casa, apesar de a casa de banho ser no rés-do-chão, junto à cozinha, e a porta da rua dar logo para a pequena e aconchegante sala de estar.

Não conseguindo encontrar o telemóvel a tempo, desistiu de procurar e acabava de chegar à curva da fila de casas, quando viu algo à sua porta que não estava lá de manhã. O seu coração começou a bater de modo irregular. Ou não estava a ver bem e a tabuleta a dizer «Para Venda» estava, na verdade, na casa ao lado, ou era engano.

Continuou a andar e, a cada passo que dava, maior era a sensação de calor e desconforto causada pelo medo. A tabuleta estava decididamente presa ao seu portão da frente, mas deviam tê-la posto ali por engano, pois, apesar de

estar com dois meses de atraso no pagamento da hipoteca, decerto a sociedade de crédito imobiliário nunca colocaria a casa à venda sem antes avisar.

Pegando no telemóvel, marcou o número que constava na tabuleta e, quase logo, atendeu uma voz alegre que lhe pediu que aguardasse por um operador, a menos que soubesse a extensão de quem desejava contactar, que podia inserir imediatamente. A seguir, ouviu uma gravação do Primeiro Concerto para Piano de Tchaikovsky, à qual ainda prestava alguma atenção ao entrar em casa e sentir o calor da sala de estar envolvê-la como um abraço acolhedor. A conta do gás, pelo menos, estava paga, assim como a da electricidade – embora não fosse esse o caso da contribuição autárquica, da água ou dos cartões de crédito...

Depois de largar a mala no braço de um sofá ligeiramente gasto – mas confortável e muito adorado – que ocupava quase metade da sala, pendurou o casaco no armário debaixo das escadas e foi para a cozinha, onde uma mesa de jantar redonda em pinho dominava o espaço e uma estufa anexa deixava entrar muita luz, a não ser num dia como aquele.

– Estou sim, posso ajudar? – disse bruscamente uma voz afectada ao telefone.

– Oh, sim, espero que sim – respondeu Susannah, começando a tirar a roupa da máquina de lavar. – Parece que adquiri uma das vossas tabuletas a dizer «Para Venda» por engano...

– Importa-se de me dizer o seu nome e morada?

Depois de repetir os seus dados duas vezes, tentou insistir novamente em que houvera um engano, mas a mulher do outro lado da linha dizia:

– Aguarde um momento, vou ver se descubro o que se passa.

Enquanto esperava, Susannah deu-se conta de um péssimo pressentimento que começava a apoderar-se dela. Tentou novamente lembrar-se de que o atraso não era suficiente para já estar em marcha uma reapropriação, mas viver com tanto medo de perder a casa implicava ter dificuldade em ser racional quando havia o menor indício de que isso podia acontecer. Respirou fundo, tentando acalmar os sentimentos de pânico, mas estes só pareceram piorar e ela não tardou a estar freneticamente a tentar perceber o que faria se desse por si no olho da rua com Neve. Obviamente, Lola acolhê-las-ia, mas não por muito tempo, pois o minúsculo apartamento da tia tinha apenas dois quartos e Neve já tinha quase catorze anos. Precisava de um quarto só dela, que já tinha em casa de Lola, pelo que Susannah teria de arranjar outro sítio onde ficar. Talvez uma amiga ou colega pudesse ajudá-la

durante algum tempo, mas e depois? Pats recebê-las-ia de braços de abertos, evidentemente, se não fosse pelo facto de ter ido viver para a Austrália há dois anos, deixando um vazio na vida de Susannah que ninguém estivera, sequer, perto de preencher. Assim, Susannah tinha a certeza de que ia acabar num sórdido abrigo gerido pelo Estado até conseguir reerguer-se, o que poderia nunca acontecer, mas, mesmo que acontecesse, até lá, Neve teria de mudar de escola e a possibilidade de voltar a ter casa própria seria tão remota como arranjar um trabalho de actriz muito bem remunerado, o que, para a maioria dos profissionais do ramo, já era um oxímoro.

Obrigando-se a si mesma a sentar à mesa, tentou ultrapassar a paranóia e lembrar-se de que continuava ali, ainda não acontecera nada de mal e nem ia acontecer. No entanto, quanto mais alto e estridente ficava o concerto de Tchaikovsky, mais escabrosas e horríveis se tornavam as imagens que se formavam na cabeça dela. Estava tudo a desabar, tinha a vida desfeita e, fizesse ela o que fizesse, não conseguia compô-la. Algo tinha de mudar radicalmente, senão, ela e Neve iam ao fundo. Mesmo que a tabuleta a dizer «Para Venda» fosse um engano, *e não podia deixar de ser*, estava a servir para a chamar à realidade, para lhe recordar, de modo duro e doloroso, a verdadeira gravidade da situação.

– Senhora Cates? – perguntou outra voz feminina, menos afectada. – Fala Heidi Jameson. Tenho boas notícias. Hoje, veio cá um jovem casal que está muito interessado em ver a casa amanhã, se for possível. Não estão dependentes de nada, portanto, podemos estar a braços com uma venda bem rápida.

Sentindo-se como se algo se tivesse desprendido na sua cabeça, permitindo que os seus pesadelos fossem transportados para a realidade, Susannah disse:

– Lamento, mas deve haver alguma confusão. A minha casa não está à venda. Talvez um dos meus vizinhos...

– É a senhora Cates?

– Sou, mas nunca contactei a vossa agência, pelo que não sei como chegaram até ao meu nome ou como é que a vossa tabuleta veio parar à minha porta.

Deu-se uma pausa antes de a agente dizer, num tom ao mesmo tempo misterioso e esclarecido:

– Oh céus! Não gostamos de nos envolver neste tipo de situações, portanto, talvez seja preferível a senhora e o seu marido conversarem melhor sobre o assunto e voltarem a falar connosco quando *ambos* estiverem preparados para vender.

Ficando muito quieta, Susannah retorquiu:

– Quer...? Quer dizer que o meu marido vos contactou?

– Entrou em contacto connosco há alguns dias, mas ouça, lamento. É óbvio que isto foi um grande abalo para si, portanto...

– Ele dirigiu-se à agência? – interrompeu Susannah.

– Não sei bem. Não fui eu que tratei dos pormenores.

– Importa-se de verificar? É importante... Preciso de saber se ele foi aí pessoalmente.

– Aguarde um instante.

Enquanto esperava, Susannah continuou a disparatar no seu íntimo. Se Duncan saíra da prisão, ela só soubera agora e o horror do que isso poderia implicar abatia-se sobre ela como uma nuvem negra e sufocante. A casa estava no nome dele. Ela tentara alterar isso, várias vezes até, mas nunca conseguira, pelo que, oficialmente, ele era o proprietário e ela era... O quê? Uma ocupante ilegal? Não, uma inquilina, certamente, pois pagara a hipoteca nos últimos três anos e, além disso, era mulher dele e Neve era a filha, o que devia ter alguma importância. Ele não poderia vender a casa à revelia delas, sobretudo se praticamente fora à falência e as abandonara há três anos.

– Parece – disse a agente, voltando ao telefone – que as ordens foram recebidas telefonicamente, mas um dos meus colegas visitou a vossa casa ontem com o senhor Cates, para tirar medidas e fotografias.

Susannah conteve o pânico. Duncan estivera ali? Pusera mesmo os pés naquela casa e permitira que um agente imobiliário anotasse as características da mesma enquanto ele assistia, sabendo que ia fazer da própria filha uma sem-abrigo...?

– Espere – pediu Heidi Jameson –, acabam de me dizer que, na verdade, foi o irmão do proprietário que se encontrou com o meu colega na casa.

Uma onda de fúria fez com que Susannah deixasse de ter a cabeça a andar à roda. Agora, começava tudo a ter mais sentido. Duncan não saíra da prisão, mas, por algum motivo, queria fazer valer os seus direitos sobre a casa e Hugh, como a desprezível serpente de duas cabeças que era, estava a representá-lo.

– Ainda aí está? – incitou a agente.

– Estou – respondeu Susannah. – Obrigada... Hum, ficaria muito grata se pudesse tratar da remoção da tabuleta o mais rapidamente possível e cancelar as visitas. A casa não está à venda. – Depois de desligar, pegou no telefone fixo para ligar a Hugh, para o escritório, em Limehouse.

Enquanto aguardava que passassem a chamada, quase esperando que interrompessem a ligação a qualquer momento, continuou a tirar a roupa da máquina, ao mesmo tempo que o imaginava, o senhor Manhoso, sentado à enorme e reluzente secretária com vista para o rio, rodeado de tudo quanto era ornamentos e sumptuosidade, até à telefonista que atendera a sua chamada. O negócio dele era uma empresa de importação e exportação, que, na sua opinião, se encaixava na perfeição no carácter duvidoso dele. Sempre tivera a certeza de que ele estava muito mais envolvido na cadeia de fornecimento de Duncan do que as autoridades tinham conseguido provar, mas, mesmo que o tivessem feito, ele era tão escorregadio que podia fazer com que uma enguia parecesse velcro.

– Susie – falou, atendendo o telefone e fazendo-a encolher-se com o diminutivo. – Há muito tempo que não te ouvia. Como estás? De certeza que continuas linda como sempre. Como poderias estar...

– Não sei que diabo de jogo estás a fazer – enfureceu-se –, mas esta casa acaba de deixar de estar à venda por ordem minha. Se tivesses um pingão de decência nessa alma repugnantemente detestável, coisa que, por acaso, sei que não tens, nunca a terias sequer posto à venda.

– Então? Não mates o mensageiro – respondeu ele jovialmente. – Estava apenas a cumprir ordens. O Duncan precisa do dinheiro para recomeçar...

– Não me interessa de que precisa ele e, como ainda nem cumpriu metade da pena...

– Correção: está quase a acabar de cumprir a pena. Ou poderá estar. Vai apresentar-se perante a comissão de liberdade condicional no final do mês e, se tudo correr de feição, devemos tê-lo de novo na nossa companhia pouco depois disso.

Tentando evitar sentir-se tonta, Susannah disse:

– Mesmo que isso aconteça, não muda nada. Esta casa pertence-nos, a mim e à Neve...

– Ora, sabes bem que isso não é verdade, mas não vamos discutir sobre isso. Se fosse a ti, oferecia-me para comprar a parte dele. Não sei se ele aceita metade, mas podes...

– No que me diz respeito, nem a isso tem direito – interrompeu ela, de modo contundente – e, se sequer tentar voltar a fazer uma destas, vou logo falar com o meu advogado. Aliás, vou fazer isso na mesma. – Pousando violentamente o telefone, permaneceu junto a ele, tremendo muito enquanto tentava recuperar o fôlego. Era bom que tivesse um advogado, mas, com o

seu orçamento, tinha dificuldade até em pagar o telefonema, quanto mais os honorários, pelo que tinha de arranjar outra forma de resolver isto. Não estivesse Neve para chegar a qualquer momento, ela entraria imediatamente em contacto com a Assistência Jurídica ou a Agência de Apoio à Infância, mas não queria que Neve a apanhasse a meio da chamada, pelo que isto teria de ir para o topo da sua lista de afazeres do dia seguinte.

Era uma pena que as mensagens no atendedor de chamadas não pudessem também esperar tanto tempo, mas ela aprendera da pior forma que enterrar a cabeça na areia só piorava as coisas e, assim, abandonando, por agora, a roupa, obedeceu ao chamamento da luzinha vermelha a piscar e carregou no botão de reprodução das mensagens.

*Chega de más notícias, por favor*, murmurou quando a primeira começou a ser reproduzida.

Para seu espanto, era de Dorothy, a sua agente.

– *Olá, querida – chilreou –, tentei ligar-te para o telemóvel, mas, se ainda não tiver conseguido falar contigo quando ouvires esta mensagem, importas-te de me dar uma apitadela? Está a haver uma pequena mudança aqui no escritório e achei que devia explicar-te pessoalmente o que se passa.*

Sabendo que isso só podia querer dizer que Dorothy tencionava deixar de a representar, passou rapidamente à mensagem seguinte, não sendo ainda capaz de lidar com o fecho definitivo daquela porta.

– *Olá, Susannah. Sou eu, a Cathy. Hoje, troquei com a Felicity, pelo que passo por tua casa por volta das oito, se quiseres boleia para o trabalho. Manda-me só uma mensagem a dizer que sim ou que não, é como quiseres.*

Depois de lhe enviar um rápido «Sim, por favor», Susannah passou à mensagem seguinte, que, afinal, era do dentista de cuja recepção ela tomava conta três manhãs por semana. Ele queria saber se ela podia substituir a rapariga da tarde no dia seguinte e na próxima segunda-feira. Como ele pagava mais do que o arquitecto de cujos arquivos ela tratava duas vezes por semana, começou imediatamente a reorganizar o seu horário, o que, afinal, não constituiu problema, nem se sobreporia aos turnos a mais da limpeza de uma escola da terra, que recentemente aceitara. A única dificuldade seria ficar acordada, visto que o seu emprego nocturno implicava que raramente se deitasse antes das três às quintas, sextas e sábados.

Ouvindo uma chave a ser introduzida na fechadura da porta da rua, olhou quando Neve entrou de rompante, com os seus longos cabelos louros e tez rosada graças ao frio. Embora ainda só tivesse 13 anos, parecia estar

mais perto dos 16, considerava ter a maturidade dos 18 e já era quase da altura da mãe. Eram tão parecidas que, muitas vezes, as pessoas paravam na rua para olhar. Ou costumavam fazê-lo, antes de o rosto de Susannah começar a ficar marcado pela preocupação e o cansaço.

– Olha, já chegaste! – exclamou Neve, largando a mochila pesada ao fundo das escadas e desapertando o cachecol. – Pensei que ias chegar tarde.

– Isso é amanhã. A mãe da Sasha trouxe-te a casa?

– Não, foi a Ping, a governanta. Conduz como uma louca, devias vê-la a gritar a toda a gente na estrada. Adiante, que tabuleta a dizer «Para Venda» é aquela? Por favor, não me digas que a situação é assim tão grave...

– Foi um engano – interrompeu Susannah.

– Bem me parecia. Recebeste a minha mensagem acerca de Barcelona?

E pronto, a ilícita tabuleta já estava esquecida. No entanto, o assunto que se seguia também não era do agrado de Susannah.

– Sim, recebi – respondeu. – Como foi o teu dia?

– Por acaso, foi fabuloso. Recebi uma mensagem do Harry Gelson a dizer que me achava muito bonita. Não é incrível? Ó mãe, não me olhes assim. Lá por não teres namorados, não quer dizer que eu também não deva ter.

– Terás tempo de sobra para isso quando fores mais velha – lembrou-lhe Susannah. – Na tua idade, há que manter a concentração nos estudos. – Com um sorriso brincalhão, acrescentou: – Diz-me o que lhe respondeste.

Sorrindo de modo rasgado, Neve acedeu:

– Disse-lhe que também o achava o bonito.

Com uma gargalhada, Susannah pegou no cesto de roupa molhada para o levar para a casa de banho, onde tinham o secador.

– Tens muitos trabalhos de casa? – perguntou, quando Neve subiu o degrau para a cozinha e abriu violentamente o frigorífico.

– Oh céus, nem me digas nada. Tenho um enorme trabalho de artes para fazer e matemática a sair-me pelos ouvidos. A propósito, hoje sempre vou dormir a casa da Lola?

– Vais, portanto, é melhor arrumares o que precisas de levar antes de sairmos. Ela disse-me que comprou umas belas costeletas de borrego para o lanche ajantarado.

Pegando numa cenoura, Neve tinha os olhos a brilhar de travessura ao virar-se.

– Deve ser dia de receber a reforma – disse, dando uma trinca. – Compra sempre costeletas quando é dia de receber a reforma. Queres que vá pôr isso no secador?

– Sim, por favor, mas não o lrigues. Faça isso logo, quando chegar a casa.  
– Escusava de explicar que a electricidade era mais barata a partir da meia-noite, coisa que Neve já sabia. – E que tal um abraço? – perguntou, pousando o cesto.

Não tendo qualquer problema em fazer-lhe a vontade, Neve deu-lhe um abraço forte e, depois, olhou-a nos olhos com um ar de interrogação quando Susannah lhe pôs as mãos no rosto. Sentindo uma intensa onda de amor e orgulho encher-lhe o coração, Susannah lembrou-se mais uma vez de que, embora não tivesse tido sorte nenhuma com Duncan, com Neve fora verdadeiramente abençoada.

– O que se passa? – inquiriu Neve. – Sei que alguma coisa é. Contigo, sei sempre.

– Eu estou bem – assegurou-lhe Susannah, esperando que ela não voltasse a falar em Barcelona – e tu és esperta de mais para o teu próprio bem. Agora, leva lá a roupa enquanto eu acedo à Internet para pagar umas contas.

Alguns minutos depois, Neve estava de volta com o cesto vazio, que largou à frente da porta da estufa, dizendo:

– Podes ajudar-me no trabalho de artes? Tenho de o entregar amanhã... Ah e a professora Cluskey perguntou-me hoje como está a avançar o desfile de moda. Lembras-te de teres dito que organizavas outro?

Susannah estava sentada ao computador, que se encontrava sobre uma mesa improvisada ao canto da cozinha. No monitor à sua frente, tinha a conta bancária, que estava com um aspecto tão doente que talvez já fosse tarde de mais para a reanimar.

– Mãe, estás a ouvir?

– Sim, claro. Desculpa, sim, o desfile de moda. Na verdade, a impressora voltou a dar problemas hoje de manhã, por isso, talvez tenha de te enviar o projecto para a escola por correio electrónico, para que o imprimas lá.

Neve nada disse.

Detectando a tensão dela, Susannah tentou ignorá-la.

– Não fizeste nada, pois não? – acusou Neve.

– Pensei que podias apresentar o que fizemos da última vez. Podemos sempre ir actualizando.

Quando Neve ficou novamente calada, Susannah virou-se para olhar para ela e o seu coração desfez-se de culpa ao ver a desilusão nos olhos dela.

– Desculpa – disse baixinho –, mas o dinheiro continua a não chegar para as despesas e não posso tirar tempo para trabalhar em algo novo.

– Não faz mal – retorquiu Neve num tom monocórdico. – Na verdade, a professora Cluskey disse que teria todo o gosto em tomar conta de tudo, se quisesses. Eu respondi-lhe que talvez fosse melhor.

Apercebendo-se de quão destroçada Neve estava, visto que o último desfile que haviam concebido juntas fora um sucesso estrondoso, Susannah tentou não se sentir ainda mais culpada ao dizer:

– De certeza que para o ano será diferente.

– Tanto faz – ignorou Neve e, tendo ido buscar a mochila, colocou-a em cima da mesa e começou a tirar os livros.

Sabendo que nada mais podia dizer, Susannah voltou para o computador e sentiu o estômago revolver-se ao ver o evidente sinal negativo antes do valor de duas mil e quarenta e oito libras. Contudo, pelo menos depositaria um cheque de seiscentas e oitenta libras na conta, no dia seguinte – o salário do dentista. Embora não contribuísse em muito para amortizar a dívida em si, pelo menos deixá-la-ia abaixo do limite de descoberto.

– Mãe – disse Neve, algum tempo depois –, tenho de levar o dinheiro para a viagem a Barcelona na semana que vem.

Contente por estar de costas voltadas e Neve não poder ver como ela fechou os olhos em sinal de desespero, Susannah perguntou:

– Diz-me lá outra vez quanto é.

– Setecentas libras, mas já demos cem de sinal, por isso, falta pagar apenas seiscentas.

*Apenas.* Susannah respirou fundo.

– Porque temos de pagar tão cedo, se a viagem é só em Julho? – interrogou.

– Acho que têm de reservar já os bilhetes, senão, ficam ainda mais caros.

Susannah engoliu em seco e tentou não imaginar onde isto ia acabar. Ou teria de dizer a Neve que não poderia ir, ou de aceitar mais trabalho no clube. Era uma opção a que há muito resistia, apesar de poder facilitar-lhe muito a vida. No entanto, a situação já era tão grave que talvez não pudesse continuar a dar-se ao luxo de escolher.

– Está bem, dou-te um cheque na segunda-feira – declarou, conseguindo manter a voz calma.

Gritando «*Boa!*» de modo radiante, Neve foi dar-lhe um abraço.

– Sabes, tive muito medo de que me dissesses que não podia ir – explicou-lhe –, mas tens trabalhado tanto ultimamente que imagino que a situação já não seja tão grave, ou é?

– Não, nem por isso – mentiu Susannah, desligando rapidamente o monitor à sua frente.

– Então, quer dizer que posso levar roupa nova à festa da Melinda, no próximo sábado? Vai toda a gente às compras à tarde e eu disse que também ia, mas não quero ir se não puder comprar nada. Ah e sabes que mais, Mãe? Ela só vai convidar o Jason Ricard. Ele está em tão boa forma. Bem, já o viste e eu gosto mesmo muito dele.

– Os rapazes estão a pôr-te doida – disse-lhe Susannah, levantando-se da cadeira.

Nada intimidada, Neve continuou animadamente:

– Por acaso, vi um vestido na Topshop. Não é muito caro. Acho que custava trinta e cinco libras ou talvez fosse quarenta e cinco, não tenho a certeza. De qualquer das formas, não é muito, pois não? Pelo menos, não é tanto como o que a Sasha vai comprar, pois esse custa cento e trinta. Se queres que te diga, acho o preço exorbitante. Quero dizer, o vestido é lindo e ela há-de ficar deslumbrante, mas aposto que não custou mais de dez ou vinte libras a fazer. De qualquer modo, pensei que, se comprasse o vestido da Topshop, podia usar as tuas botas pretas acima do joelho...

– Mas são tão velhas, Neve.

– Não interessa. Quase não as usaste, são muito giras e ainda temos aqueles *collants* que a Lola ganhou no bingo e que estão por abrir. A Sasha disse que me emprestava o colar da Butler and Wilson que recebeu no aniversário e que é absolutamente incrível.

Gostando da filha mais do que nunca por fingir não se importar de não ter tanto dinheiro para gastar como as amigas, Susannah deu-lhe um beijo na cabeça e foi encher a chaleira. Era o constante inconveniente de a manter num colégio onde os pais de quase todos os alunos, solteiros ou divorciados, nadavam em dinheiro, privilégios e toda a espécie de conhecimentos úteis. Neve nem sequer tinha o seu próprio computador portátil, tendo antes de partilhar um computador de secretária com a mãe. Também não podia gabar-se de um iPod ou de um daqueles telemóveis multiusos todos janotas que os outros tinham. Quanto a roupa, maquilhagem e todas as outras frivolidades femininas que atulhavam os quartos espaçosos das amigas, o pequeno refúgio de Neve era um deserto tão constrangedor, como ela já lhe chamara, que raramente convidava alguém para lá ir.

– Já sei! E se fôssemos as duas às compras no sábado? – insistiu Neve.

– Pensava que querias ir com as tuas amigas.

– E quero, mas farto-me de estarem sempre a pedir-me conselhos. Parece que não sabem pensar pela própria cabeça.

– Querem a tua opinião por admirarem o teu sentido de estilo.

– Pois, mas... – disse Neve e, voltando aos trabalhos de casa, esqueceu o assunto, enquanto Susannah sentia o coração apertado de tanta impotência que só podia temer o que a esperava nas sombras dos próximos dias.

\*

– A Neve não tem culpa – dizia Susannah mais tarde, quando ia de carro com Cathy para Kensington. – Não pode deixar de querer o que os outros têm, é perfeitamente normal para uma menina da idade dela. E não devia ter de passar sem nada.

Tendo uma sobrinha adolescente e uma irmã que nunca parava de se queixar de que era tudo muito caro, Cathy mostrou-se muito compreensiva ao parar num sinal vermelho. Tirando a idade, ela e Susannah quase não podiam ser mais diferentes, visto que Cathy era baixa e morena, com olhos redondos cor de avelã e um sorriso que, embora adorável, era estragado pela falta de um dente. Tinham-se conhecido há vários anos, durante as audições para uma peça que nunca arrancara, e, desde então, mantinham-se em contacto de vez em quando, dando uma à outra uma oportunidade esporádica para mexericar sobre o mundo do espectáculo dominante, cada vez mais esquivo.

Fora através de Cathy que Susannah conseguira o emprego no exclusivo clube para homens em Kensington, não a servir às mesas, como Cathy, ou a dançar, mas sim nos bastidores, como ajudante de escritório a tempo parcial. No que dizia respeito a Neve e Lola, estava a ajudar a tomar conta de uma discoteca da moda no West End, três noites por semana, pois sabia que elas pensariam o pior se lhes dissesse para onde realmente ia. Qualquer pessoa pensaria e ninguém podia censurá-las, se ela se encontrava numa situação tão difícil. Mas a verdade era que ela nunca seria capaz de encarar a família ou a si própria, se estivesse a seguir o mesmo caminho que Cathy e as outras raparigas.

Quando o sinal já estava verde, Cathy seguiu pela King's Road em direcção à Beaufort Street, onde algumas das mansões mais caras de Londres estavam escondidas nos enclaves privados dos Chelsea Park Gardens. Susannah prestava-lhes uma vaga atenção ao passarem, sabendo que, pelo menos,

duas colegas de Neve viviam naquele meio privilegiado. Não era que também aspirasse a semelhante grandiosidade, embora devesse reconhecer que seria agradável; queria, apenas, fazer Neve sentir-se menos uma parente pobre ou um caso de caridade do que se sentia agora.

– Correndo o risco de constatar o óbvio, de novo – Cathy acabou por dizer –, a solução está nas tuas mãos, Susie. Sabes muito bem que o Henry teria todo o prazer em tirar-te do escritório e pôr-te no bar ou numa das salas de jantar privadas...

– Não vamos por aí – interrompeu Susannah, não sendo sequer capaz de pensar na opção de servir às mesas despida da cintura para cima ou de fazer de anfitriã nua, agora que estava tão perto de a tomar. – Não te condeno pelo que fazes, mas não é para mim.

Cathy não tentou convencê-la. Já haviam tido esta conversa muitas vezes para não saber onde acabaria. Em vez disso, sugeriu:

– E se me deixasses emprestar-te o dinheiro para a viagem a Barcelona? Podes devolver-mo quando o tiveres. Sem pressas.

Quando a gratidão tentava aquecer o vazio dentro dela, Susannah disse:

– Obrigada, mas não, pois não sei quando será isso e pedir dinheiro emprestado aos amigos é a melhor forma de os perder. – Não acrescentou que, agora que Pats já não estava por perto, por vezes sentia que, na verdade, não tinha nenhum amigo para perder, pois feriria os sentimentos de Cathy. Além disso, não era verdade. Tinha amigos, mas nenhum deles era Pats.

– Pois a oferta continua de pé – declarou Cathy. – Quando tens de voltar a pagar as propinas do colégio? Já tens o dinheiro?

– A maior parte. De momento, faltam-me duzentas libras, mas, quando chegar a conta, estará tudo resolvido.

Embora o cepticismo de Cathy fosse quase palpável quando nada mais disse, continuou apenas a conduzir enquanto Susannah pegava no telemóvel para ler uma mensagem nova. Era de Neve, a avisá-la de que pedira dez libras emprestadas a Lola para carregar o telemóvel.

Susannah não se incomodou em perguntar o que fora feito das dez libras que dera a Neve há três dias pelo mesmo motivo. Aquelas raparigas trocavam mensagens de manhã, ao meio-dia e à noite, pelo que ela já sabia para onde fora o saldo – a única admiração era que tivesse durado tanto.

Vinte minutos depois, seguiu Cathy até às cozinhas fortemente iluminadas do clube, onde o cozinheiro, Martin, e a sua equipa já estavam a trabalhar afincadamente. Após as habituais trocas de palavras amáveis e, no

caso de Cathy, sedutoras, Susannah subiu para o escritório, onde Henry, o gerente, estava sentado com os pés em cima da mesa, falando alto ao telefone. A sala era grande e austeramente mobilada com formidáveis sofás de pele de ambos os lados de uma profunda e sombria lareira e um tapete persa num tom carregado, que cobria a maior parte do soalho de carvalho escuro. O computador, os armários de arquivo e a pequena secretária dela, que partilhava com as outras ajudantes a tempo parcial, estavam bem aconchegados num recanto espaçoso, onde outra porta dava para a entrada da residência privada de Henry.

O próprio Henry era um indivíduo sempre jovial, tão baixo como roloço e tão avuncular como homossexual. Era querido por todos, tanto pelo pessoal como pelos clientes, e Susannah não era excepção.

– Ainda bem que vieste mais cedo – disse ele, pousando o telefone. – A Teresa ligou a dizer que está doente e eu estava com esperanças de que não te importasses de tomar conta da recepção esta noite. Não te preocupes, podes ficar com essa roupa. De qualquer modo, ver-te toda arranjada como uma professora põe os clientes malucos. Se tiveres, porém, outros sapatos para usar em vez desses, que acabam com toda a paixão, ninguém terá mais prazer em vê-los do que eu.

Com um sorriso, Susannah foi abrir a gaveta onde guardava um par de sapatos de salto-agulha para as suas incursões no próprio clube e submeteu-os à aprovação de Henry.

– Perfeito – declarou ele – e, caso tenhas vontade de vestir o corpete e as meias de anfitriã da Teresa... Não? Não vai acontecer?

Susannah abanava a cabeça.

– Tinha de tentar – suspirou ele. – Ora, não te prendas por minha causa. Temos uma noite de muito movimento pela frente. Ambas as salas de jantar privadas têm a lotação esgotada e não aceitamos mais reservas para o restaurante principal. Se aparecerem sócios a querer uma mesa no momento, terão de comer no bar. Não te preocupes com os telefones, todas as chamadas vão directamente para as mensagens, que ouvirei mais ou menos de meia em meia hora. Já fizeste de tudo, por isso, sabes como é. Podes terminar à meia-noite, se quiseres, ou fazer como a Teresa e trocar com uma das outras raparigas por algumas horas e ganhar gorjetas a sério.

Os olhos de Susannah brilharam, apesar do nervosismo que sentia.

– Boa tentativa – retorquiu, sendo esta a sua resposta habitual –, mas, se me deixas sair à meia-noite, vou para casa, muito obrigada. – Ajudava a

manter a farsa durante algum tempo; assim, se decidisse que não era capaz de servir às mesas ou fazer de anfitriã, ninguém saberia.

Como ficar na recepção implicava receber os casacos e acompanhar os sócios e os seus convidados até às mesas, dirigiu-se antes aos vestiários femininos para se pôr um pouco mais apresentável. Embora trouxesse o uniforme normal, com a saia travada preta e a camisa branca por baixo de uma camisola com decote em V, sabia que tinha de despir a camisola e abrir a camisa o suficiente para mostrar um bocadinho o sutiã. Grata por estar a usar um de renda branca relativamente novo, desapertou alguns botões e, depois, pediu maquilhagem e um colar emprestados a Cathy, que estava no seu lugar em frente ao espelho. Também ela estava de uniforme, que, no seu caso, era composto por uma saia preta rodada e muito curta, meias de liga, um laço preto e sapatos de salto-agulha do mesmo género dos de Susannah.

Depois de deixar uma das dançarinas borrifá-la com Chanel 19 e outra entrançar-lhe o cabelo, Susannah apressou-se a ir para a recepção, onde Henry já estava a receber os primeiros clientes. Era um grupo de oito homens de negócios, vestidos com fatos elegantes, que tinham vindo de Manchester para uma conferência de três dias sobre *software*. Haviam reservado uma das salas de jantar privadas, pelo que, depois de lhes ficar com os casacos, ela levou-os através do bar mal iluminado até onde Melanie, que ia ser a anfitriã deles nessa noite, estava à espera para os acompanhar ao salão Edwards, como era conhecida a sala de jantar mais pequena. Como Melanie trazia vestido apenas um *body* completamente transparente com umas quantas lantejoulas brilhantes em locais estratégicos, Susannah sentiu o frémito de entusiasmo masculino assim que os homens viram a sua anfitriã e talvez tivesse achado graça aos típicos primeiros instantes de constrangimento, se não se sentisse enjoada com a mera perspectiva de estar mascarada da mesma forma, mais tarde.

Voltando para a recepção, deu com Henry a conversar com dois sócios habituais que conduziu, sem demora, ao restaurante, onde Elodie, a gerente de restauração, com o mesmo uniforme diminuto que Cathy e Melanie, assumiu o controlo, acompanhando-os até à mesa.

Quando chegou a meia-noite, o clube estava apinhado e o primeiro espectáculo já estava em curso. Susannah ainda se encontrava na recepção e, embora tivesse estado prestes a dizer a Henry que estava disposta a continuar a trabalhar depois da meia-noite uma centena de vezes, ainda não arranjava coragem para o fazer. Nem arranjaria, percebeu, pois, por pior que

fosse a sua situação, simplesmente não tinha o que era preciso para andar a pavonear-se por ali quase despida. Durante algum tempo, pensara na exposição ligeiramente menor de uma sala de jantar privada, mas, estando ciente do que, por vezes, ali se passava à porta fechada, também não fora capaz de enfrentar isso. Quanto à dança exótica, como não tinha a formação nem o descaramento necessários para se exhibir dessa forma, não era opção. Tudo isso servia para mostrar que a esperança de resolver os seus problemas financeiros era tão falsa como o encanto que tinha de deixar transparecer perante propostas indecentes.

Antes de abandonar o seu posto, enviou uma mensagem para o *pager* de Henry e, alguns minutos depois, ele saiu da escuridão enfumarada do bar.

– Já está na hora? – disse ele, olhando para o relógio. – Caramba, como o tempo voa quando estamos a divertir-nos. Fizeste um belo trabalho, querida. Só é pena que não acabes a noite em beleza.

Com o revirar de olhos do costume, Susannah perguntou:

– Então, quem vem substituir-me? Se ela já estiver pronta para vir, talvez eu consiga apanhar o autocarro da meia-noite e meia.

– O quê? – protestou ele. – Não ganhaste gorjetas esta noite?

– Claro que sim. Quase cinquenta libras, por acaso.

– Então, apanha um táxi, por amor de Deus. É melhor não te meteres em autocarros a esta hora da noite. Está um frio de rachar e, além disso, não é seguro.

– Não há-de haver problema nenhum. Já estou habituada.

– Não sabia disso. Pois não volta a acontecer. Qualquer que seja o preço da corrida, compenso-te no próximo ordenado. Ou então – ele começou a sorrir –, tens a hipótese de trocar com a Melanie no salão Edwards e a Cathy pode dar-te boleia para casa, mais logo. A Mel já acumulou muitas gorjetas esta noite...

Susannah ergueu as sobranceiras.

– Pois e a fazer o quê, ao certo?

– Sabes que não faço perguntas dessas. Pronto, pronto, vejo que estou novamente a gastar o meu latim. Vai-te lá embora. Até amanhã e, mais uma vez, obrigado pela tua ajuda.

Uma vez dentro do carro de praça que chamara do escritório, Susannah ficou a olhar para as ruas que passavam, escuras e húmidas na noite de chuviscos, sentindo-se nervosa e vagamente desorientada ao pensar que, esta noite, estivera muito perto de abdicar dos seus princípios. Na verdade, nem

sabia se eram mesmo eles que a prendiam – talvez fosse apenas a cobardia que lhe gelava as entranhas ao pensar em fazer o tipo de actuação que Cathy e as outras pareciam conseguir fazer sem qualquer esforço. Tal como a maioria delas, Susannah considerava-se actriz – pelo menos, costumava considerar –, logo, porque não podia simplesmente fingir estar a interpretar um papel? Não tinha de ser real, ela até podia assumir outro nome, como se o papel tivesse sido escrito para ela. Os sócios do clube fariam parte da equipa ou seriam seus colegas ou mesmo críticos de uma importante peça de teatro. Depois, acontecesse o que acontecesse, os seus actos teriam a ver com arte e interpretação, em vez de serem vergonhosos ao ponto de ela já nem ser capaz de pensar nisso.

Pensando antes em Neve e na forma de lhe dar a notícia de que não tinham dinheiro para a viagem a Barcelona, quase lhe apeteceu voltar a pensar noutra coisa. Também não haveria ida às compras no sábado. O temor da fúria e decepção de Neve quando soubesse disto já começava a apoderar-se de tal forma do coração de Susannah que lhe apeteceu chorar e revoltar-se com a pura frustração de trabalhar tanto e parecer nunca conseguir chegar a lado nenhum. Algo tinha de ceder, não podia deixar de ser, mas, se não fossem os seus princípios, cobardia ou fosse qual fosse o seu problema com a única solução que tinha, simplesmente não sabia o que restava.